



PLANTINGA, Alvin. Ciência, religião e naturalismo: onde está o conflito? São Paulo: Vida Nova, 2018.

Paulo Victor Cota de Oliveira Franco¹

Resumo: O filósofo estadunidense Alvin Plantinga traz em seu livro *Ciência, Religião e Naturalismo: onde está o conflito?* (2018) sua contribuição de uma forma atualizada para os debates entre ciência e religião. Sua tese principal recai sobre a seguinte afirmação: “apesar de haver um conflito superficial, há uma convergência profunda entre ciência e religião teísta; e, apesar de haver uma convergência superficial, há um conflito profundo entre ciência e o naturalismo” (PLANTINGA, 2018, p. 11). Para o autor a relação estabelecida entre naturalismo e ciência é de certa forma um salto maior que poderiam dar os defensores de tal visão. Portanto, o naturalismo para ele se configura como uma cosmovisão, desempenhando papel semelhante às religiões.

O autor discute a ideia do *imago Dei* que para ele é retratada na condição intelectual dos seres humanos, sua capacidade de compreender o mundo, a si mesmo e o próprio Deus; o reflexo da imagem e semelhança de Deus e no seu esforço comunitário do conhecimento científico como uma forma notável desta semelhança (PLANTINGA, 2018, p. 21). Até neste ponto nos parece que o sobrenaturalismo ainda não é tocado por ele de forma incisiva. Entretanto, ao longo de sua obra, Plantinga relaciona a condição de compatibilidade entre o sobrenaturalismo com as teorias científicas como indícios de uma demonstração da incapacidade de apresentar através da ciência a negação do pensamento teísta. Ele expõe, por exemplo, que as divergências não estão presentes entre a crença da Criação e as teorias da evolução e darwinismo, contudo se afasta da tese de uma evolução não dirigida (PLANTINGA, 2018, p. 26). Sobre esse aspecto, ele encara as proposições de Richard Dawkins sobre a possibilidade do desenvolvimento não dirigido pela seleção natural. De acordo com o autor, Dawkins não teve muito cuidado em tratar esse assunto e os argumentos de Plantinga tocam em pontos muito interessantes que inviabilizam a tese de Dawkins, ou pelo menos desacreditam seu ar de certeza sobre o naturalismo ali desenvolvido. Outro pensador colocado em debate foi Daniel Dennett. Para Alvin

¹ Paulo Victor Cota de Oliveira Franco é licenciado em História, pós-graduado *latu sensu* em Ciência da Religião e mestrando em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: pvcota@gmail.com.



Plantinga, Dennett insiste em proposições semelhantes a de Dawkins, porém possui um melhor refino sobre suas argumentações. Mesmo assim, Plantinga apresenta sua concepção na qual as propostas de ambos autores convergeriam no mesmo sentido. De certa forma, para um leitor que tem como objetivo a observação das colocações de Alvin Plantinga, fica evidente que as possibilidades de existência de Deus permitem as explicações dos fenômenos de seleção natural e evolução sem confrontação destas ideias de maneira profunda. Neste sentido, mesmo que não concordemos com as abordagens proselitistas apresentadas pelo filósofo, compreendemos que as críticas direcionadas a Dennett e Dawkins ainda mantêm em cheque a visão naturalista.

Um caminho traçado por Plantinga para apontar uma percepção teísta foi pensar na ação milagrosa de Deus no mundo e como essa seria uma forma de ruptura com leis naturais. O autor se referencia em posicionamentos das propostas científicas para refletir as alegações sob perspectivas antigas de leis da mecânica clássica e perspectivas novas como a mecânica quântica. Seus argumentos indicam que as leis naturais estariam em funcionamento dentro de certa regularidade, o que não elimina a ação divina. Vale ressaltar que seu trabalho parte das críticas a determinado segmento de teólogos que curvaram-se diante da ciência e endossaram as leis naturais, em detrimento à uma aceitação dos milagres cristãos, sob a alegação de não intervenção divina. A base de suas proposições estariam entre os estudos de cientistas clássicos.

Na mecânica clássica, cujas formulações de Isaac Newton são referências, as leis naturais são elementos de um sistema fechado para comporem regularidade. Havendo uma ação externa como o milagre, no âmbito deste sistema não seria possível, como também haveria necessidade constante de ajustes das órbitas dos planetas (PLANTINGA, 2018, p. 81). Sobre isso, o autor analisa os apontamentos de John Mackie que convergiam com as ideias newtonianas e assim conclui que uma ação divina não caberia em um universo causalmente fechado. Tal verificação silencia a ideia de violação das leis da natureza na medida em que, neste caso, nada elas têm a dizer sobre o que acontece no universo considerado casualmente aberto (PLANTINGA, 2018, p. 84).

Com Laplace e a elaboração do seu demônio capaz de prever todas as variáveis e calcular as sequências causais e, no limite, o futuro determinado, Plantinga observa que o



fator que nos leva da perspectiva newtoniana para a laplaciana seria um acréscimo ao fecho causal do universo físico e que é mal aplicado. Temos também no pensamento Laplaciano outras consequências, como, por exemplo, a falta de liberdade das decisões humanas que seria inexistente (PLANTINGA, 2018, p. 89). Aqui, afirmações que mais uma vez colocam em dúvida as propostas de certezas, neste caso apontadas por Laplace, sobre a completude do mundo natural em relação ao funcionamento do Universo: este sendo fechado, a partir de uma suposição dedutiva e não verificação possível. Existe aí um limite científico no qual não se dispõe a religião, porém esse limite mais uma vez está atravessado por uma convicção, segundo o autor. Sobre este aspecto, o conflito se encontraria entre crença cristã e uma suposta metafísica particular no qual o Universo seria fechado (PLANTINGA, 2018, p. 91-93).

Insere-se também uma deixa para a próxima discussão: no capítulo quarto, o autor discute novas perspectivas científicas buscando atualizar o debate, mais especificamente a mecânica quântica e a relatividade geral que incutem demonstrações mais probabilísticas da condição das leis naturais, o que retira a condição de determinismo praticada por propostas teóricas anteriores. Amplamente aceito na contemporaneidade e precursora de diversas novas descobertas no campo físico, a Mecânica Quântica (MQ) permite termos probabilidades nos resultados finais possíveis, colaborando segundo Plantinga para uma proposta de intervenção divina. Essa teoria, para ele, deve ser compreendida de modo realista e também entendida como uma busca por explicação do mundo e não, por exemplo, como teoria empiricamente adequada (PLANTINGA, 2018, p. 94). Assim, neste sentido, para ele nem mesmo o demônio de Laplace teria condições de “prever a condição física do universo em um momento futuro, mesmo que receba as leis junto com uma descrição maximamente determinada do universo” (PLANTINGA, 2018, p. 95). A grande questão posta é que ele ainda vê por parte de muitos estudiosos a resistência quanto à intervenção. Parcialmente suas alegações anteriores são válidas, pois questionam esta postura na medida em que a violação de leis seria confusa (PLANTINGA, 2018, p. 99). Todo debate que ele levanta, gira em torno de sinalizar que a intervenção divina ao lado da MQ torna-se possível sem a sombra do determinismo na ação divina, livre de anuladores (PLANTINGA, 2018, p. 117).



Partindo para outros campos, Plantinga avalia a psicologia evolucionista e também os estudos científicos das Escrituras. Sobre a psicologia, ele analisa diversas visões direcionando quais seriam suas posições em todo este quadro. O desenvolvimento do pensamento estaria no campo evolutivo, de forma natural, assim como a ideia de religião enquanto fenômeno cognitivo. Outro apontamento seria de teorias de averiguação como o “instrumento hipersensível de detecção de agentes” - IHDA – em inglês *Hypersensitive Agency Detection Device - HADD* (PLANTINGA, 2018, p. 133). Estes, para o filósofo, não eliminam a possibilidade do sobrenatural ou mesmo da existência de Deus, mas poderiam ser os modos pelos quais Deus determinou “de tal maneira que podemos conhecê-lo e estar em comunhão com ele” (PLANTINGA, 2018, p. 132).

Plantinga faz um trabalho apologético em sua elaboração, porém se debruçando em uma análise mais contundente sobre os elementos atuais desenvolvidos pelos argumentos de naturalistas que rechaçam a ideia teísta. Ao que tudo indica, o trabalho de Alvin Plantinga trouxe a pertinência de pensar a relação entre religião (a teísta, mas diria com mais certeza a cristã) e ciência em nosso tempo. A composição da discussão se estende em meio às condições do próprio debate científico, seja pelas novas teorias ou mesmo ideias que são compostas para elaborá-las. Ainda, mesmo que os argumentos utilizados sejam de caráter proselitistas, o trabalho elaborado pelo autor busca trazer para o campo racional, especificamente para a filosofia analítica, argumentos possíveis para afirmar a possibilidade da existência de Deus, sua capacidade de interferir no mundo e contrapor o pensamento materialista presente nos argumentos naturalistas.